

4 Artistas contemporâneos

Artemovimento Lácio Galeria de Arte

9/6 a 3/7 - 81

TOMIE OHTAKE, FIAMINGHI, CHAROUX e MOZART PELA são os artistas participantes da Coletiva de Artistas Contemporâneos inaugurada no dia 9 deste mês na Lácio Galeria de Arte em São Paulo.

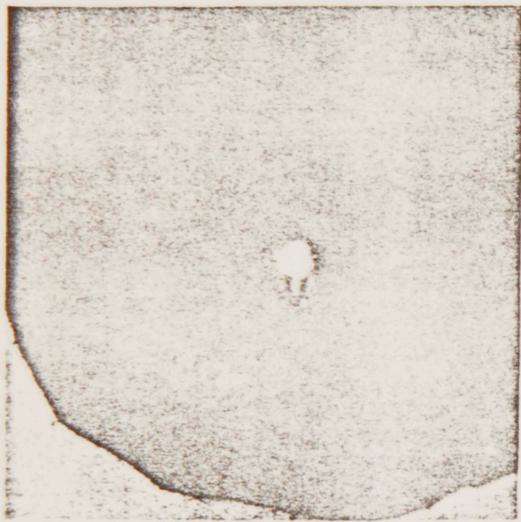
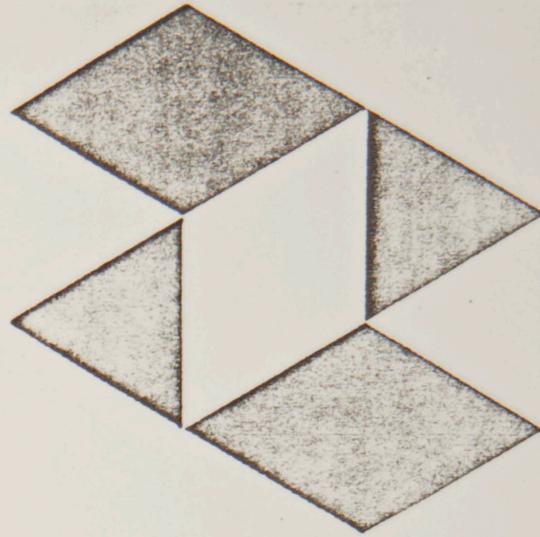
Tomie Ohtake nasceu no Japão e está no Brasil desde 1937. "O vigor de sua obra chega a surpreender pelo arrojo. As formas são ousadas e soltas nesses espaços cada vez mais amplos, onde a matéria está diluída pela luminosidade. O que é plano ou o que é volume torna-se difícil de determinar. Todos os elementos estão colocados de tal maneira no espaço da tela que existem sempre múltiplas polaridades e maneiras de ver".

Fiaminghi, ativo participante do movimento concretista brasileiro, nasceu em São Paulo em 1920. Em 1966 o artista comentou seu próprio trabalho: "... estar atualizado não é o principal, quando comunicar-se é o

sensível. As artes gráficas ofereceram-se e influíram-me quando pesquisava efeitos da retícula cor-luz. O controle dos equipamentos gráficos, não só permitiram, bem como conduziram-me ao controle sensível dos acasos ali ocorridos sobre a película. A obra assim realizada evolui em si e pertence a si mesma".

Mozart Pelá, brasileiro residente em Paris há 18 anos, mostra seus trabalhos pela primeira vez no Brasil, depois desse longo afastamento.

Lothar Charoux nasceu em Viena em 1912 e veio para o Brasil em 1928. Construtivista como Fiaminghi, "as obras de Charoux são o resultado de toda uma vida dedicada à investigação artística. Todos os seus trabalhos estão unidos por um único denominador comum: harmonia, equilíbrio e beleza visual. Trata-se de um dos grandes mestres da pintura contemporânea".



TUNGA — "O trabalho de Tunga age no tempo indecível do fetiche. Para fazê-lo precisa de saída deconstruir as figuras fetichistas da arte, as cartas marcadas do jogo. Uma coisa não pode existir — fetichismo. Daí o modo discreto de utilização de elementos tão saturados de conotações simbólicas. Daí a sua irrestrita economia metafórica. O interesse não é a representação do desejo mas o contato com sua inteligência íntima, com o seu *Regime*. O interesse não é expor objetos do desejo mas reinstaurar a vigência do *primeiro olhar*, a perplexidade desse momento incompreensível que seria entretanto a raiz de toda a nossa Vontade de Saber. Fazer pulsar, e durar esse dolorida interrogação". (Ronaldo Brito in catálogo da exposição no Espaço ABC, Rio de Janeiro, 1980).

Tunga inaugurou no dia 5 de julho, no Gabinete de Arte Raquel Babenco, em São Paulo, exposição que reúne os seus últimos trabalhos e que foram apresentados no Rio de Janeiro o ano passado. (MODULO 61)

ANTÔNIO PARREIRAS — Sob o título *Antônio Parreiras, o Pintor de Paisagens, Gênero e História*, a galeria Acervo, RJ, apresenta durante o mês de junho uma retrospectiva da obra do artista fluminense — reunindo 50 óleos pertencentes a museus e entidades públicas e privadas — acompanhada de edição de livro com o mesmo título de autoria de Carlos Roberto Maciel Levy.

Segundo Max Perlingeiro — responsável pela galeria — a exposição dá continuidade ao projeto de mostras museológicas de objetivo puramente cultural e pretende suprir algumas lacunas no conhecimento da arte brasileira do passado, através de um trabalho de reflexão crítica suficientemente profundo e cuidadoso. E acrescenta: "Esta é a mais importante mostra do pintor depois da exposição de 1905, quando ainda estava vivo, portanto, há 76 anos."

Antônio Diogo da Silva Parreira nasceu e morreu em Niterói, RJ (1860 - 1937) e com a assinatura Antônio Parreiras tornou-se um

dos nomes que, já no final do século passado, assinalam os novos rumos da pintura em contraposição aos postulados no neoclassicismo trazidos pela Missão Francesa.

Tendo a paisagem como uma constante em sua obra, Parreiras inovou a abordagem do tema realizando os quadros no local, observando e interpretando de modo pessoal e vigoroso a natureza da terra. Outros gêneros são os de cunho social e as cenas rurais, com painéis decorativos para residências, palácios de governo e instituições públicas em que a paisagem se faz presente como suporte da cena que se desenrola no primeiro plano. O nu, e as marinhas, além de temas históricos, também estão presentes em sua obra realizada ininterruptamente durante 54 anos de trabalho. A trajetória de Antônio Parreiras marcada inicialmente pela influência do impressionismo e, posteriormente, inserindo-se na corrente expressionista, revela às novas gerações um percurso fundamental na história da arte brasileira.

